

## **A problemática dos incêndios em Interface Urbano-Florestal em áreas de baixa densidade: O estudo de caso de Baião**

Emanuel Sardo Fidalgo - emanuel.s.fidalgo@gmail.com ;

Interface Urbano-Florestal, Baixa densidade, Resiliência

Nas sociedades contemporâneas não existem actividades que não envolvam riscos, quer seja em contexto de trabalho ou em momentos de lazer. O conhecimento e o desenvolvimento tecnológico levam a Humanidade aos limiares do risco, sendo por vezes ultrapassados, expondo assim comunidades aos perigos e vulnerabilidades face aos agentes naturais, ambientais e tecnológicos.

Embora os incêndios florestais nas regiões Mediterrâneas e em Portugal em particular, não sejam apenas das últimas décadas, mas quase tão antigos como a ocupação humana, pois há registos de carvões fossilizados do Neolítico, o que traduz a conquista de novos espaços para pasto desses povos essencialmente pastoris à custa do fogo, os fenómenos de despovoamento e despopulação de regiões predominantemente agrícolas levaram ao desenvolvimento de condições favoráveis à deflagração e propagação do fogo.

Na última década, Baião tem vindo a beneficiar de um conjunto de infra-estruturas rodoviárias e ferroviárias o que levou a melhorias consideráveis na sua acessibilidade. Esta “aproximação” ao Grande Porto introduziu uma nova dinâmica demográfica e de mobilidade, com um crescente número de pessoas a trabalharem na Área Metropolitana do Porto, deslocando-se para aí diariamente sem contudo abandonarem este território, o que se repercutiu no abrandamento de fenómenos de despovoamento e despopulação. Por outro lado, o factor “distância-tempo” reduziu-se significativamente, o que veio incrementar a procura de Baião para os tempos de ócio e lazer, reforçando o papel de pulmão verde do distrito do Porto. Este fenómeno é evidenciado no aumento da procura de habitação para segunda residência, sobretudo em áreas florestais das serras da Aboboreira e Castelo ou nas encostas sobranceiras ao rio Douro.

Deste modo, pelo crescimento demográfico em algumas freguesias ou resultante da procura deste território para a fruição de férias e fins-de-semana, as edificações residenciais têm-se aproximado perigosamente das áreas florestais envolventes. Esta situação intensificou uma fragmentação do espaço rural marcada por um povoamento disperso característico desta região, onde áreas anteriormente cultivadas deram lugar ao mato, ficando apenas como vestígio desse passado agrícola os socalcos.

Pela crescente pressão para a utilização de novos espaços, mais e mais pontos de contacto entre a floresta e o edificado são criados. A defesa de tais espaços levanta diversos

constrangimentos. Depois, tratando-se de um problema crescente, é importante que seja reforçada a investigação em torno duma tipologia de combustão, adiante designada como fogo na interface urbano-florestal (I U-F). Estas áreas são caracterizadas pela coexistência entre infra-estruturas e manchas florestais, que por vezes, se revestem de elevado valor estético, histórico/sentimental e de biodiversidade, no entanto, permitem um contínuo de combustível expondo grandemente ao perigo as infra-estruturas e as pessoas que nelas habitam.

As mudanças de usos do solo registadas no concelho de Baião nos últimos anos modificaram as condições de interface urbano florestal, aumentando ou fazendo variar o risco de incêndio florestal.

O fenómeno dos incêndios florestais em interface urbano-florestal (I U-F) eram residuais relativamente ao número total de incêndios, ainda que por vezes estes se aproximassem de edificações, sobretudo de apoio a actividades agrícolas e silvo-pastoris. Contudo, no Verão de 2009 e após um período de cerca de quatro anos em que o número de ignições e de área ardida foram reduzidos, os combustíveis acumulados permitiram a ocorrência de incêndios que se caracterizaram pela sua violência e que se aproximaram de áreas edificadas numa realidade sem precedentes.

Na madrugada de 30 de Agosto de 2009, o incêndio de Eiriz, freguesia de Ancede, deflagrou cerca das 3:00 horas da manhã com quatro focos iniciais distintos distando entre si 300 a 400 metros. Pelas suas características e violência, este incêndio foi alvo de uma larga cobertura mediática à escala nacional e revelou a vulnerabilidade de alguns lugares do concelho face a esta nova problemática com implicações na segurança de pessoas e infra-estruturas.

A análise deste estudo de caso permite-nos formular um juízo, ainda que prematuro em virtude da análise de campo ainda se encontrar numa fase inicial, que os condicionalismos de ordem biofísica, em virtude do abandono da agricultura e dos espaços florestais, apesar de algumas excepções, e a tendência recente de expansão do edificado, levarão a um multiplicar das áreas de I U-F.

Não havendo uma cultura do risco, nem tão pouco qualquer tipo de preparação e sensibilização das populações por parte dos organismos competentes, não será difícil antever a tendência que se adivinha no agudizar de situações de incêndios em interface urbano florestal. Pois, as pessoas que habitam as zonas urbanas e residenciais entre as florestas dificilmente percebem a potencial destruição dos incêndios florestais, até que tenham sofrido os seus efeitos na experiência do passado.

As áreas de interface urbano-florestal carecem de uma abordagem onde os vários intervenientes possam coexistir com os seus diferentes interesses, evitando-se tensões e conflitos, para tal é necessário dotar os cidadãos e todos os que percorrem estas áreas, de informação para que possam decidir e agir com capacidade.

É necessário o conhecimento dos factores desencadeantes que levam as habitações e outras infra-estruturas a serem vulneráveis a incêndios I U-F e que se tomem medidas de auto-protecção adaptadas às especificidades locais.

Essas medidas poderão passar pela gestão de combustíveis, com actividades silviculturais recorrendo a desramações e desmatações, através de fogo controlado onde este possa ser prescrito. Também podem recorrer a práticas firesmart como a criação de áreas seguras através de quebras de combustível, que poderá ser a construção de estradas/estradões em locais estratégicos, que poderão inclusive funcionar como pontos de ancoragem no combate ao incêndio e criação de zonas de protecção em torno de habitações ou outras infra-estruturas. Desde modo, empregando estas estratégias isoladamente ou de forma combinada reduz-se significativamente a intensidade e dimensões dos incêndios, e o potencial destruidor do fogo.

Além destas medidas de prevenção/mitigação, pode-se antever uma mudança de estratégia ao nível da supressão, sabendo que os meios de combate têm sido tradicionalmente treinados para lidar com incêndios florestais, e não tanto com incêndios em I U-F. Porém existem diferenças que são importantes introduzir na formação que recebem para a compreensão do comportamento do fogo em áreas de interface.